

ENSINO DE GEOGRAFIA: percepção dos educando sobre a categoria de análise paisagem

Fernanda Pereira Martins
fernanda.martins@ifap.edu.br

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Professora no Instituto Federal do Amapá (IFAP) - Laranjal do Jari.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9584-7578>

Raquel Balli Cury
rballicury@gmail.com

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Campus Pontal - Ituiutaba e Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0481-7187>

RESUMO

Este artigo é produto de um conjunto de reflexões realizadas em turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental em uma escola da rede particular de ensino em Ituiutaba/MG. Ao compreender que o uso adequado de conceitos é condição *sine qua non* para a leitura da realidade e transformação da mesma, procurou-se analisar e identificar como os educandos percebem um conceito no ensino de Geografia: o de Paisagem. Para tanto, foi executado um questionário e, posteriormente, uma roda de conversa para discutir o conceito paisagem e compreender a percepção dos discentes sobre essa categoria. Observou-se que nas atividades diagnósticas os alunos descreveram a paisagem representada pela imagem escolhida, identificando os elementos visíveis enfatizando aquilo que lhes parecia ser natural, excluindo o antropizado. Pode-se inferir com o estudo que é preciso uma prática docente alicerçada em metodologias que oportunizem a apreensão dos conceitos geográficos de forma efetiva, levando os alunos a questionar, problematizar e intervir na realidade vivida, oportunizando a construção dos conceitos, das categorias geográficas de análise de forma significativa, ampliando a percepção do aluno acerca do contexto em que está inserido.

PALAVRAS-CHAVE

Educação, Geografia, Categoria, Paisagem.

GEOGRAPHY EDUCATION: student's perception of the landscape analysis category

ABSTRACT

This article is the product of a set of reflections made in 8th and 9th grade classes of elementary school in the private school system in Ituiutaba/MG. Understanding that the proper use of concepts is a sine qua non condition for reading and transforming the reality, we tried to analyze and identify how students perceive a specific concept, that of landscape. To this, a questionnaire was carried out and, subsequently, a conversation circle to discuss the landscape concept and understand their perception of this category. It was observed that in the diagnostic activities, students described a landscape represented by the chosen image, identifying the elements emphasizing what seemed to be natural, excluding the anthropized. It can be inferred from the study that a teaching practice based on methodologies that provide opportunities for the apprehension of geographical concepts in an effective way is necessary, leading students to question, problematize and intervene in the lived reality, providing opportunities for the construction of concepts, of the geographical categories of analysis significantly, expanding the student's perception of the context in which they are inserted.

KEYWORDS

Education, Geography, Landscape, Category.

As categorias de análise e o ensino de Geografia

O conhecimento precisa de caminhos bem definidos para ser solidamente construído, assim,

Quando se trata da busca pelo conhecimento é preciso recordar a necessidade de estabelecer uma discussão na direção do campo teórico. O uso indiscriminado dos termos dentro das ciências, de modo geral, e particularmente da Geografia, pode conduzir ao empobrecimento do objeto de estudo e dos próprios conceitos. Então, é necessário conhecer o universo da discussão conceitual que circunda as categorias de análise (LISBOA, 2008, p. 24).

Para tanto, “a geografia desenvolveu uma linguagem, um corpo conceitual que acabou por constituir-se numa linguagem geográfica” justamente para o auxílio na leitura do mundo (CAVALCANTI, 1998 *apud* CALLAI, 2005, p. 241).

Esses conceitos, entendidos também como categorias de análise, surgem como um auxílio à necessidade, inerente ao homem, de compreender o mundo em que está inserido (LISBOA, 2008) e são repensados na medida em que surgem novos desafios para as sociedades. “Esses conceitos assumem, na atualidade, grande importância no ensino de Geografia, enquanto eixos norteadores do ensino-aprendizagem de conteúdos

escolares e de desenvolvimento de competências e habilidades” (FUINI; MELLO, 2016, p. 883).

O ensino por conceitos há muito vem sendo debatido na educação geográfica que se realiza nas escolas, a exemplo do que foi proposto nos

Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) [que] enfatizavam que os eixos estruturadores do ensino de Geografia, em nível fundamental e médio, eram os conceitos, dentre os quais se destacavam os de espaço geográfico, região, território, lugar, paisagem – em termos mais gerais (FUINI; MELLO, 2016, p. 875).

Os Parâmetros Curriculares explicam os conceitos como sendo,

[...] a representação das características gerais de cada objeto pelo pensamento. Conceituar significa a ação de formular uma ideia que permita, por meio de palavras, estabelecer uma definição, uma caracterização do objeto a ser conceituado. Tal condição implica reconhecer que um conceito não é real em si, e sim uma representação desse real, construída por meio do intelecto humano (BRASIL, 1999 *apud* LISBOA, 2008, p. 25).

Essa linguagem é incorporada pelo aluno à medida que ele consegue operá-los racionalmente.

Ao ler o espaço, desencadeia-se o processo de conhecimento da realidade que é vivida cotidianamente. Constrói-se o conceito, que é uma abstração da realidade, formado a partir da realidade em si, a partir da compreensão do lugar concreto, de onde se extraem elementos para pensar o mundo [...]. Nesse caminho, ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, tem início um processo de abstração que se assenta entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido (CALLAI, 2005, p. 241).

“O estudo dos conceitos não deve, no entanto, ser realizado isoladamente e se esgotar em si mesmo, pois estes somente adquirem real significado quando associados às realidades humanas” (LISBOA, 2008, p. 33). Sendo assim, é possível inferir que o conceito é significativo se for resultado da relação entre a experiência do sujeito e a teoria apresentada nos conteúdos escolares. Ou seja, conhecimento que integra o vivido.

Nesta óptica, é preciso refletir o papel da Geografia na escola, pois “uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, o qual traz em si todas as marcas da vida dos homens” (CALLAI, 2005, p. 228).

Importante contextualizar, que esta prática foi realizada no momento em que se insere a utilização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tem sua previsão legal na Constituição Federal de 1988, bem como na Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional (LDBEN) 9.394/1996 e nas metas do Plano Nacional de Educação vigente desde 2014 (PEREIRA; RODRIGUES, 2014).

Embora não seja pretensão neste artigo discutir a BNCC – seus pressupostos e características ideológicas – que ensejou intensos debates e inquietações, considerando as incertezas de sua efetividade, uma vez que o Brasil é um país de dimensões continentais, que abarca muitas diversidades, quais sejam: culturais, sociais, ambientais, econômicas, políticas; é de bom alvitre mencionar que este material de referência curricular, vem sendo um dos norteadores nas ações pedagógicas implementadas nas escolas, e que sobre ele muita ainda há de se refletir em nossa prática. Conforme aponta, Caimi (2016):

Em países federativos como o Brasil, de grande dimensão territorial e de enorme diversidade regional e cultural, sabemos como são difíceis os consensos e como são complexas as tomadas de decisões acerca de uma estrutura curricular comum. A complexidade toma proporções ainda maiores se considerarmos o momento de profunda polarização política que vivemos no país, aliado a graves desigualdades econômicas e sociais que vêm sendo enfrentadas. (CAIMI, 2016, p. 87)

Porém, deve-se argumentar que, mesmo em face a estas pequenas ponderações, observa-se que a BNCC tem caráter construtivista, centrando no aluno a construção significativa de conhecimento. Neste sentido, a escola deve proporcionar ambiente adequado para aprendizagem, buscando o desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos em diferentes níveis escolares. Tal fato é muito positivo e integra o conjunto de ações e práticas que pretende lançar um novo olhar sobre o sistema educacional; sendo assim, as expectativas se voltam para além do ensino de um conteúdo, mas para a percepção de que este é parte do caminho que o educando deve percorrer na construção do conhecimento.

Portanto, considerando a realidade descrita em breves notas, imperioso se faz o desenvolvimento de habilidades e competências previstas para serem trabalhadas no Ensino Fundamental e Médio, sendo vital que nossa prática esteja relacionada com a nossa realidade local, o que motivou esta prática.

Paisagem: uma categoria de análise

Os conceitos da Geografia surgiram e se modificaram conforme as diversas correntes que compõem esta ciência. Assim, a paisagem, juntamente aos demais principais conceitos, tais como espaço geográfico, lugar, região e território, é uma

categoria de análise da Geografia que foi definida mediante a perspectiva teórico-metodológica de cada momento desta ciência.

Uma das origens da palavra paisagem é *Landschaft*, a qual surgiu, primeiro, “na Idade Média, e designava uma porção de terra delimitada pelos costumes e cultura de uma comunidade” (PONTE, 2019, p. 218). “Nessa perspectiva, a paisagem era entendida como espaço objetivo da existência, mais territorial e geográfica do que estética” (DANTAS; MORAIS, 2012, p. 8). Para tanto, a área geográfica e sua aparência material eram constituídas através de prática social (COSGROVE, 2004, p. 61 *apud* PONTE, 2019).

Contudo, houve perda de significado do termo alemão, *Landschaft*, com o advento do termo anglo-saxão, *Landscape*. “A palavra *Landscape* surge na língua inglesa no início do século XVII, designando um tipo de pintura específico (*Landscape Painting*). Daí a origem do seu sentido cênico, que remete a cenário” (COSGROVE, 2004 *apud* PONTE, 2019, p. 219).

Para tanto, é “a partir do século XVII, com a pintura, que vai aparecer o valor estético da paisagem, alimentando-se da imaginação e da contemplação” (DANTAS; MORAIS, 2012, p. 8). Assim, “até o século XVIII, a percepção estava atrelada à pintura e à arte e representava o sítio – lugar – visto” (*ibid.*).

Direcionando-se ao conceito desse termo, sabe-se que o substrato da terra é palco das atividades humanas, onde, de fato, se processam as relações homem-natureza e homem-homem. Assim, todas essas relações deixam marcas sobre a Terra, constituindo “vestígios” de como as relações sociais, ambientais, econômicas se desenvolviam em determinada época. Diante dessa lógica, Santos (1988) destacou que essa relação entre homem e natureza pode ser chamada de cultural, não deixando de ser, também, política e técnica. Para tanto, se a produção do espaço é resultado da ação dos homens, “cada tipo de paisagem é a reprodução em níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas” (SANTOS, 1988, p. 22).

Ainda conforme o mesmo autor, a paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos e substituições. Assim sendo, a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento, então, vários momentos irão se sobrepor, ou seja, uma paisagem é uma escrita sobre a outra; é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, uma herança de muitos diferentes momentos já passados.

Em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai tornando-se cada vez mais complexo exigindo mudanças correspondentes às inovações. Através das novas técnicas vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra. Por isso, o entendimento do fato geográfico depende tanto do conhecimento dos sistemas técnicos. O homem vai construindo novas maneiras de fazer coisas, novos modos de produção que reúnem sistemas de objetos e sistemas sociais. Cada período se caracteriza por um dado conjunto de técnicas. Em cada período histórico temos um conjunto próprio de técnicas e de objetos correspondentes. Num momento B, muitos elementos do momento A permanecem; e surgem novos. É a inovação triunfante que permite sair de um período e entrar em um outro. A inovação traz a modificação da paisagem, que passa a ter objetos dos momentos A e B. [...] A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais. Desvendar essa dinâmica social é fundamental, as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis. (SANTOS, 1988, p. 24)

Além disso, há maior complexidade quando se entende que,

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. [...] susceptível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço (SANTOS, 1988, p. 24).

Diante da compreensão do que vem a ser a paisagem, pode-se, então, compreender a afirmativa de Eric Dardel (2015), o qual destacou que “A paisagem não é feita para se olhar”. Sob essa óptica, é imprescindível analisar qual caminho tem tomado os estudos geográficos e, também, a educação, no que tange à aplicação do conceito paisagem. Mediante a afirmativa de Dardel, vê-se um rompimento com a herança da visualidade pictórica atribuída ao termo, pois é certo que a paisagem está para além daquilo que vemos.

Entendendo-se a complexidade da paisagem, resta tomar dimensão do desafio que está em direcionar o aluno à apreensão de todas as relações envolvidas na construção da paisagem. Aparte a complexidade da paisagem, ainda tem-se outros agravantes que dificultam a sua apreensão.

A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que, por sua vez, é condicionada por filtros fisiológicos, psicológicos socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente. A paisagem só existe a partir do indivíduo que organiza e promove arranjos do conteúdo e forma dos elementos e processo, num jogo de mosaicos [...] Assim, a paisagem tem sua existência condicionada pela capacidade do indivíduo reter, reproduzir e distinguir elementos significativos (culturais ou naturais, circunstanciais ou processuais, adventícios ou genuínos, entre outros aspectos) desse mosaico construído. A paisagem evoca significados a partir dos signos e valores atribuídos. Esses signos assumem amplo espectro de propriedades e escalas numa grade semântica própria (GOMES, 2001, p. 56-57 *apud* DANTAS; MORAIS, 2012, p. 8).

Nessa perspectiva, destaca Santos (1988), a paisagem tem uma dimensão voltada para a percepção, ou seja, naquilo que passa pelos sentidos do homem. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva; ou seja, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. Por exemplo, coisas que um arquiteto, um artista veem, outros podem não ver ou o fazem de maneira distinta. Isso é válido para profissionais com diferentes formações e para o homem comum.

Assim, ainda conforme o mesmo autor, a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão, sendo a realidade apenas uma, porém cada pessoa a vê de forma diferenciada. Dessa forma, a visão das coisas materiais pelo homem é sempre subjetiva, pois recorre-se a referenciais pessoais.

O ensino tem como tarefa ultrapassar a Paisagem como aspecto, reconhecido pelo senso comum, para, então chegar ao seu significado como categoria geográfica de análise, limitando o risco de tomar por verdadeiro o que é aparente.

Além da subjetividade que impera em cada ser ao observar a Paisagem, pode-se ainda mencionar o desafio de ler uma mesma Paisagem por ângulos diferentes. Besse (2014) destaca a dificuldade de se ler a Paisagem devido aos diversos ângulos pelos quais se pode observá-la, inserindo ou não fatores que aparecem de formas diferentes a depender do ângulo. Conforme o mesmo autor, isso ocorre porque “a relação visual com a paisagem divide-se em uma ampla gama de olhares, ângulos e pontos de vista que não são sempre compatíveis, mesmo que coexistam” (BESSE, 2014, p. 241).

Apesar das dificuldades encontradas e supramencionadas, existe uma necessidade de remontar ao sentido de *Landschaft* desenvolvido na Alemanha. Para tanto, o próprio PCN, mesmo que objetivamente, vem de encontro a esta perspectiva ao enfatizar que a Paisagem é “uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos; o passado e o presente” (BRASIL, 1997, p. 11).

Ou seja, existe uma unidade visual que precisa ser lida de forma a compreender não apenas aquilo que está explícito, mas, também, as relações que estão entremeadas, mesmo que indiretamente, àquela área aparente.

Para tanto, é preciso, diante dos conteúdos trabalhados em sala de aula, explorar as paisagens para desvendar as relações que permeiam as estruturas, aos fixos que nos são visíveis. Assim, é inegável que o professor é, por excelência, o mediador que tornará a leitura da paisagem possível.

Percepção dos educandos a respeito da categoria paisagem

A partir da concepção de Paisagem anteriormente delineada e de forma consciente da importância desse conceito para realizar análises geográficas, foi feita uma pesquisa com alunos do Ensino Fundamental II, de 8º e 9º anos em uma escola particular, de Educação Básica, na cidade de Ituiutaba-MG, no ano de 2020, no mês junho. Considerando que o ensino remoto se apresentou de suma importância para continuidade da formação da criança em face do contexto que vivemos de pandemia, foi necessário repensar a prática docente e buscar por metodologias participativas que promovessem, de certa maneira, um papel de protagonismo do aluno na sala de aula remota, construindo o conhecimento através da mediação entre saber vivido e saber institucionalizado, de forma que seus sentidos fossem explorados, estimulando a criança a interagir e observar o mundo em que vive estabelecendo com ele proximidade e, assim, desenvolver as competências necessárias para sua autonomia.

Justifica-se a escolha desse grupo de educandos do ensino fundamental 2 devido à trajetória escolar desses alunos que, em breve lapso temporal, ingressarão o Ensino Médio, e por isso já têm como parte integrante dos conteúdos curriculares estudados as categorias de análise em Geografia.

Assim, o objetivo é ponderar acerca da percepção dos alunos sobre a categoria Paisagem para, a partir de então, identificar as possíveis lacunas, ou, em caso positivo, identificar que o ensino de Geografia tem cumprido seu papel de possibilitar as discussões dos temas por meio do seu arcabouço teórico, no qual compreende os conceitos fundamentais para ciência geográfica destacando-se a Paisagem, produzindo conhecimento significativo para o aluno. O estudo foi desenvolvido em etapas conforme descrito abaixo:

1º) Em um primeiro encontro solicitou-se que 40 alunos (número total) de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II elessem uma figura ou fotografia que fosse, sob seu olhar, uma Paisagem. O intuito era avaliar a percepção dos alunos a respeito dessa categoria geográfica de análise. A imagem selecionada pelo aluno nesta busca deveria ser devidamente identificada e enviada para o professor via *WhatsApp*.

Posteriormente, os alunos justificaram por escrito a escolha da fotografia ou figura enviada, com objetivo de demonstrar sua relação com o conceito de Paisagem, ou seja, identificar os elementos presentes na imagem que faziam com que eles a percebessem como uma Paisagem.

2º) No segundo encontro foi realizada uma Roda de Conversa virtual, momento em que os alunos foram questionados acerca do seguinte: “O que é uma Paisagem para você?”, “Uma Paisagem deve representar apenas a área rural (campo), apenas o urbano (cidade) ou ambos?” Assim, os alunos discutiram o conceito e apresentaram suas opiniões, sendo estimulados a refletir sobre a temática de forma crítica.

Já sensibilizados, foram apresentadas aos alunos 5 imagens, as quais deveriam ser classificadas por eles como Paisagem ou não.

3º) Finalmente, após realizada coleta de dados em dois encontros virtuais na plataforma Google Meet, as informações coletadas foram analisadas e as reflexões geradas estão dispostas em gráficos no tópico “Resultados e Discussões” para melhor apresentação.

Resultados e discussões

Quando solicitado que os alunos elessem uma foto ou figura representativa de Paisagem, aproximadamente 75% enviaram fotos panorâmicas (Figura 1). No dicionário *Priberam*, o termo panorâmico refere-se a: “Relativo a panorama ou paisagem”. Segue o conceito de panorama:

Grande quadro circular ou cilíndrico disposto de modo que o espectador, colocado no centro, veja os objetos representados como se estivesse numa altura, dominando todo o horizonte em volta (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020)

As imagens panorâmicas indicam que há uma ideia senso comum de que a Paisagem é externa ao observador, ou seja, este está à margem daquilo que é representado. É como se fosse imprescindível o distanciamento da área que se deseja representar como Paisagem.

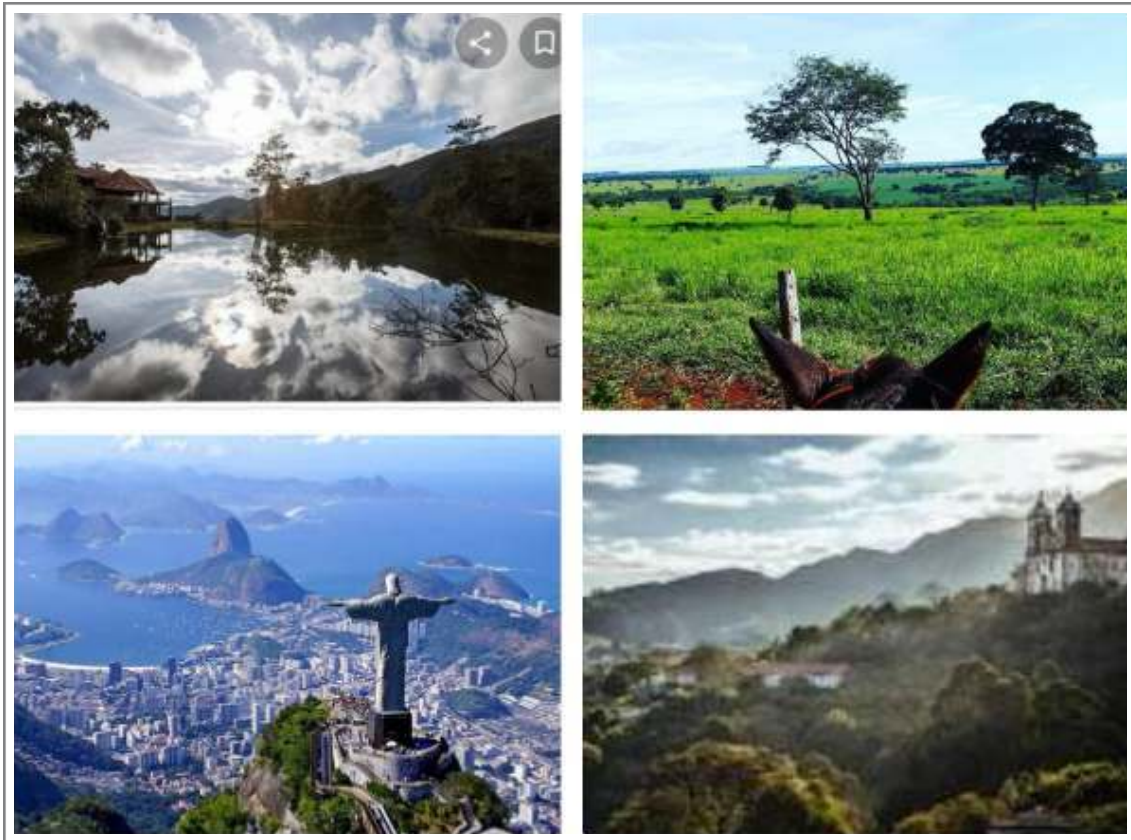


Figura 1: Exemplos de imagens panorâmicas enviadas por alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos).
Fonte: Pesquisa de campo. Autoras, 2021.

Dentro dessa lógica, Dantas & Morais (2012) ressaltaram que o indivíduo representa a paisagem, de forma intencional ou não, como um espaço do qual é preciso se afastar, ou em relação ao qual é preciso se elevar para apreendê-la como imagem.

Neste sentido, a paisagem se torna elemento contemplativo, sob a qual se delinea uma ideia estética, de belo. O esforço do docente então, deve se voltar para o rompimento desta visão reducionista, ampliando a concepção tradicional da Paisagem, apresentando ao aluno outra perspectiva na qual fazemos parte dela. “Mas então, se a paisagem corresponde ao nosso envolvimento no mundo, isso quer dizer que ela não está longe de nós, no horizonte, mas que, ao contrário, ela está próxima, que nós estamos em contato com ela, que ela nos envolve, por assim dizer” (BESSE, 2014, p. 247).

Dentre as imagens analisadas, apenas 5% continha o ser humano como parte da paisagem, porém, não em interação, mas apenas como um elemento pontual.

Ao analisar as imagens em seu conteúdo, foi possível separá-las em dois grupos: aquelas com aspectos unicamente naturais, e outras com elementos urbanos – os quais

apareceram ou na totalidade da imagem, ou mesclados aos aspectos naturais. Constatou-se, nesta óptica, que 73% das imagens continham unicamente a representação de aspectos naturais (Gráfico 1).

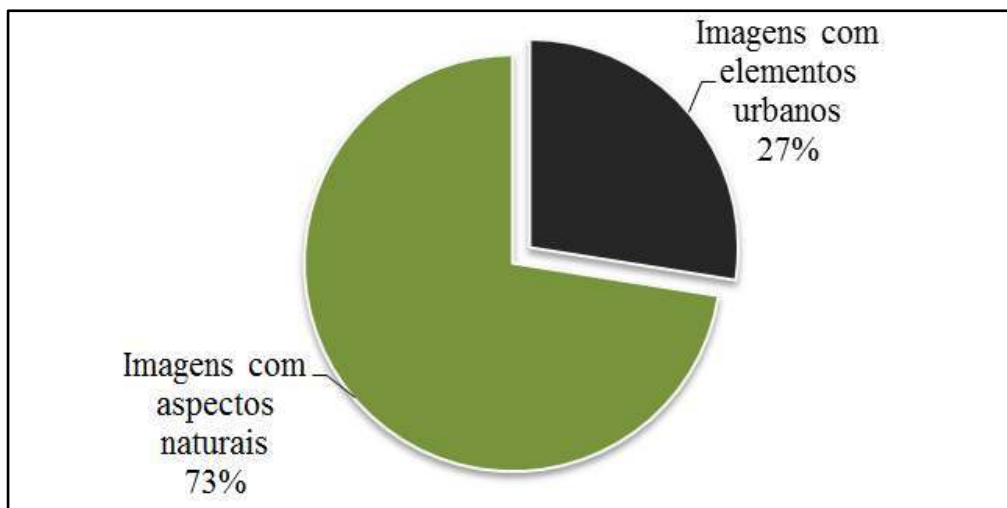


Gráfico 1: Conteúdo das imagens de paisagem selecionadas por 40 alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos)
Fonte: Pesquisa de campo. Autoras, 2021.

Ao serem indagados sobre o porquê daquelas imagens serem consideradas Paisagens, 48% dos participantes justificaram que as figuras poderiam ser assim classificadas por conterem elementos naturais (Gráfico 2). Destes, 30% associaram à essa natureza, aspectos estéticos, como o belo, o que aponta sentimento de paz e tranquilidade, sensação que a paisagem deveria despertar ao seu observador.

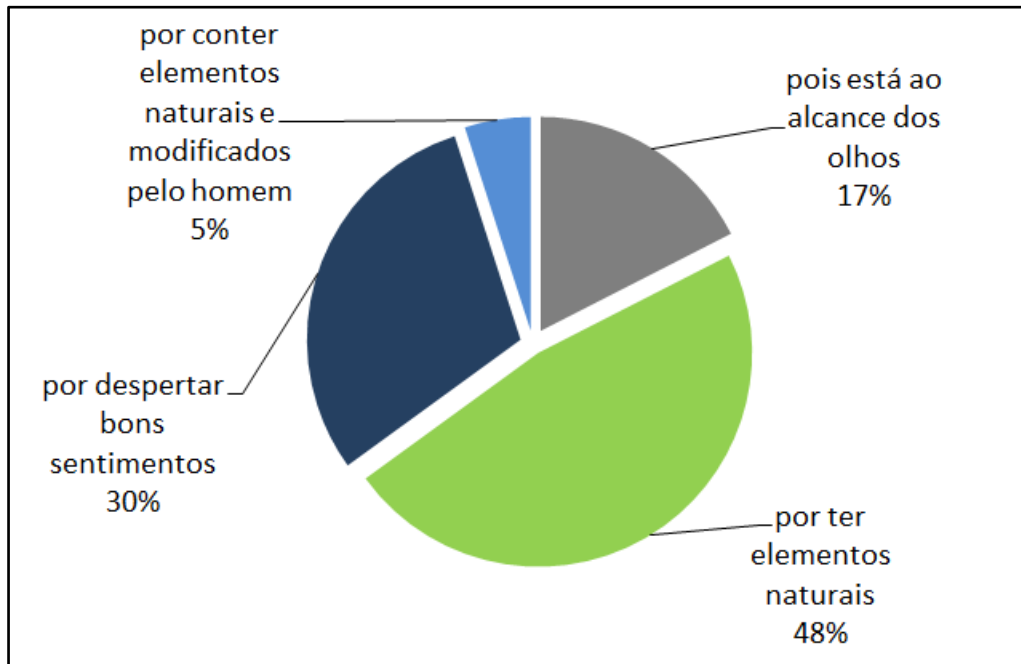


Gráfico 2: Elementos destacados pelos alunos que justificaram aquela imagem ser escolhida como paisagem
 Fonte: Pesquisa de campo. Autoras, 2021.

Pedir para alguém mostrar uma figura de paisagem é simples, contudo, quando entramos no campo do conceito, aumenta-se a complexidade do que está sendo solicitado, gerando dúvidas e insegurança quanto à resposta, apesar do termo paisagem estar presente na linguagem mais corriqueira, cotidiana.

Nesta perspectiva, emerge o senso comum de que a paisagem é um recorte espacial abarcado por nossos sentidos (37% dos alunos consultados), principalmente, a visão (Gráfico 3). Destes 37%, 86,67% destacaram que a paisagem é toda a área que os olhos podem apreender e, apenas 13,33% destacaram que, além da visão, a paisagem pode ser apreendida por outros sentidos também, como o tato (texturas), audição (sonoridade) e o olfato (cheiros).

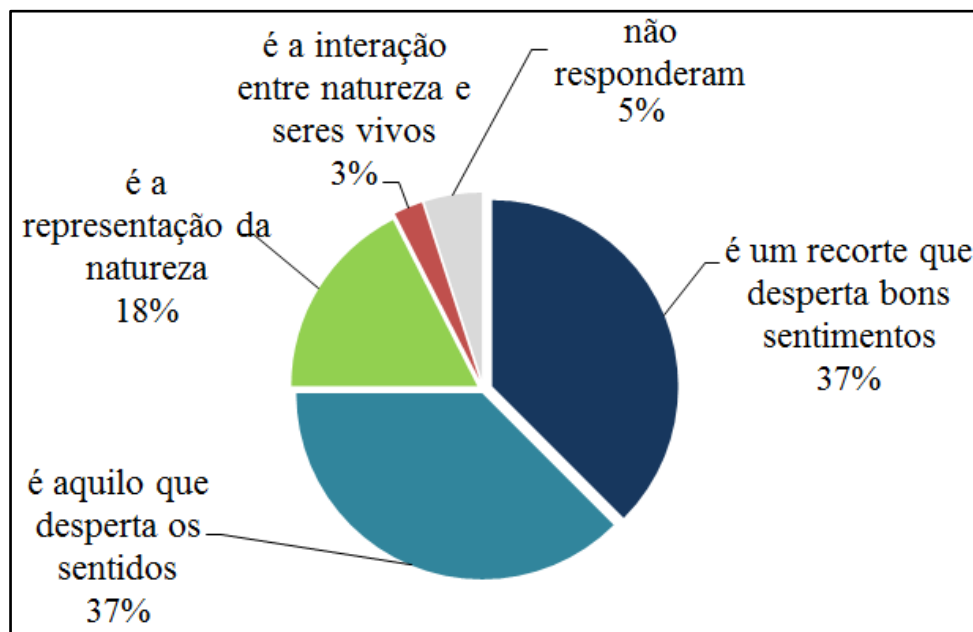


Gráfico 3: Conceituação do termo paisagem pelos 40 alunos de Ensino Fundamental (8º e 9º ano)
Fonte: Pesquisa de campo. Autoras, 2021.

De fato, o conceito de paisagem está relacionado a tudo que os sentidos humanos podem perceber e apreender da realidade de determinado espaço geográfico ou parte dele, estando diretamente relacionado à sensibilidade humana. Há quem entenda a paisagem como uma realidade que pode ser representada visualmente em uma fotografia ou pintura. Assim,

embora a visão seja o principal sentido com o qual se observa a realidade, outros sentidos também podem participar da identificação da paisagem, introduzindo-se informações como sons e odores na descrição da paisagem, método através da qual ela pode ser bem explorada (LISBOA, 2008, p. 27).

Contudo, sobre a significação do termo estudado, verifica-se, por meio das respostas, que a noção majoritária da paisagem se apresenta como representação estática de uma área (Gráfico 3). Isso vai ao encontro da ideia de Wettstein (2008): o ensino de Geografia ainda se dedica a explicar as realidades estáticas em detrimento dos processos dinâmicos.

Ainda sobre o Gráfico 3, observa-se que 37% dos alunos conceituaram paisagem como sendo um “recorte do espaço que desperta bons sentimentos ao observador”, caracterizando-a como agradável, bonita e tranquila. Já 18% dos participantes ressaltaram que uma paisagem é um recorte espacial que representa a natureza.

Ao fazer uma junção das três principais respostas sobre o conceito de paisagem, esta seria: “um recorte espacial ao alcance da visão do observador, que contém

elementos naturais e, para tanto, desperta um sentimento agradável, como paz e tranquilidade”.

Finalizando as discussões sobre o Gráfico 3, 5% não souberam responder à questão, enquanto 3% destacaram que a paisagem é a interação entre natureza e os seres vivos.

Conforme metodologia proposta, verificou-se que houve predominância dos elementos naturais sobre os artificiais: (i) nas imagens selecionadas pelos alunos; (ii) nos argumentos que fazem aquelas imagens serem de paisagem; e (iii) no significado do termo paisagem para eles. Devido ao enfoque natural, os participantes foram expostos a mais um questionamento, referindo-se à necessidade do predomínio da natureza para que um recorte espacial fosse considerado paisagem.

Apesar de 73% das imagens eleitas representarem paisagens com elementos essencialmente naturais (Gráfico 1), quando confrontados diretamente, 80% dos alunos responderam que, além dos aspectos naturais, uma paisagem também poderia contemplar aspectos urbanos (Gráfico 4). O que se pôde inferir é que, apesar de o urbano poder ser um elemento da paisagem, ela é sempre mencionada como uma área urbana dotada de beleza e capaz de transmitir sensações agradáveis àquele que a observa.

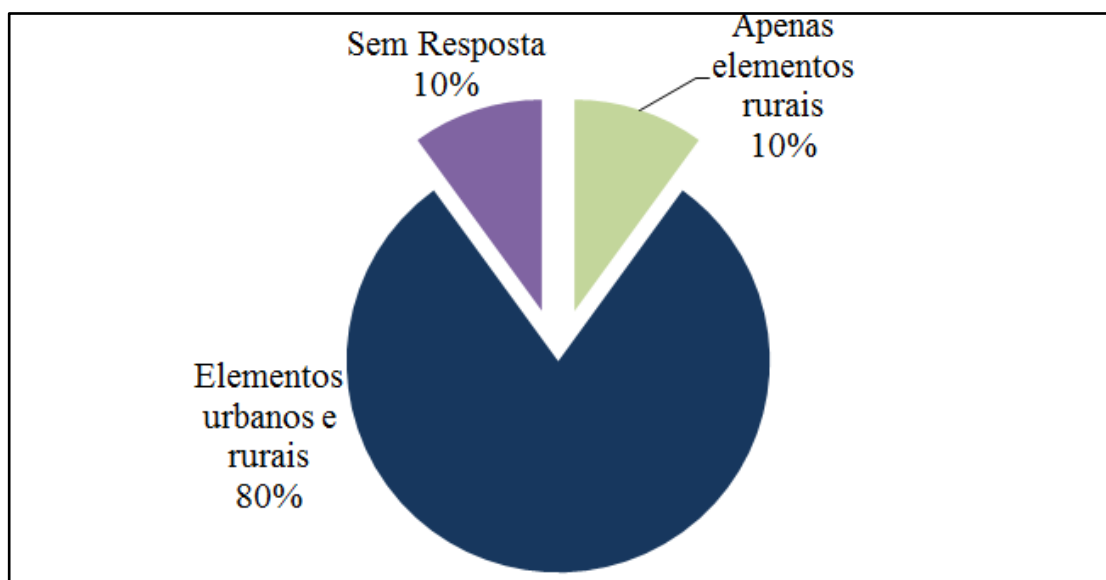


Gráfico 4: Questionário indagando se para uma figura ser considerada paisagem esta deveria conter elementos naturais (rural), urbanos (cidade) ou poderia conter ambos
Fonte: Pesquisa de campo. Autoras, 2021.

Na etapa 4, os participantes foram expostos a 5 (cinco) figuras de recortes espaciais diversificados, cujo objetivo era verificar se o aluno identificava aquela imagem como paisagem ou não.

A imagem 3 (Figura 2) foi a única em que houve unanimidade (100%) na sua assimilação como paisagem pelos alunos, pois os elementos naturais eram os únicos constituintes desse recorte espacial.

Na imagem 4, com plantação de cultura agrícola (Figura 6), ainda se verificou maior votação no que se refere a considerá-la uma paisagem (96%).

Já as imagens 1 e 5 (Figura 2) apresentaram paisagens degradadas pelo homem e foram as únicas em que alguns alunos ficaram indecisos. Na imagem 1, houve um participante que justificou sua resposta ao dizer: “parte dessa imagem é paisagem, a outra não”, indicando que a área degradada não poderia ser uma paisagem, pois não desperta bons sentimentos.

Ao contrário das anteriores, na imagem 2 (Figura 6) 52% dos alunos a assimilaram como paisagem, enquanto 48% não a identificaram assim. Isso pode ser justificado pela ausência de elementos naturais, uma vez que a referida área abrange uma vasta área ocupada pela estrutura industrial, acrescida de poluição atmosférica.

Verificou-se um predomínio do senso comum no conceito de paisagem, a qual revelaria, portanto, uma área externa ao seu observador, com sobrepujança de elementos naturais – como árvores, água e céu, e o mínimo de interferência humana.

Desta forma, sob a perspectiva dos alunos a paisagem apresenta-se como o visível e percebido, sendo preciso direcioná-los a pensarem a paisagem para além da estética. Como destaca Callai (2005), o conceito de paisagem permite a compreensão das dinâmicas visíveis e também das não visíveis. Isso porque ela “é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir e construir o espaço” (SANTOS, 2008, p. 40 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 133); é “[...] uma acumulação de lapsos temporais, onde diversas espacialidades são sobrepostas” (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 134) e, por não ser estático, vai para além da materialidade do visível.

Na aplicação do conceito de paisagem é preciso considerar as características culturais dos povos e os interesses envolvidos para a realização da leitura da mesma. “E esta será, portanto, sempre a apreensão que o sujeito faz, e não a verdade absoluta, neutra. Assim como a paisagem está cheia de historicidade, o sujeito que a lê também tem o seu processo de seleção do que observa” (CALLAI, 2005, p. 238).

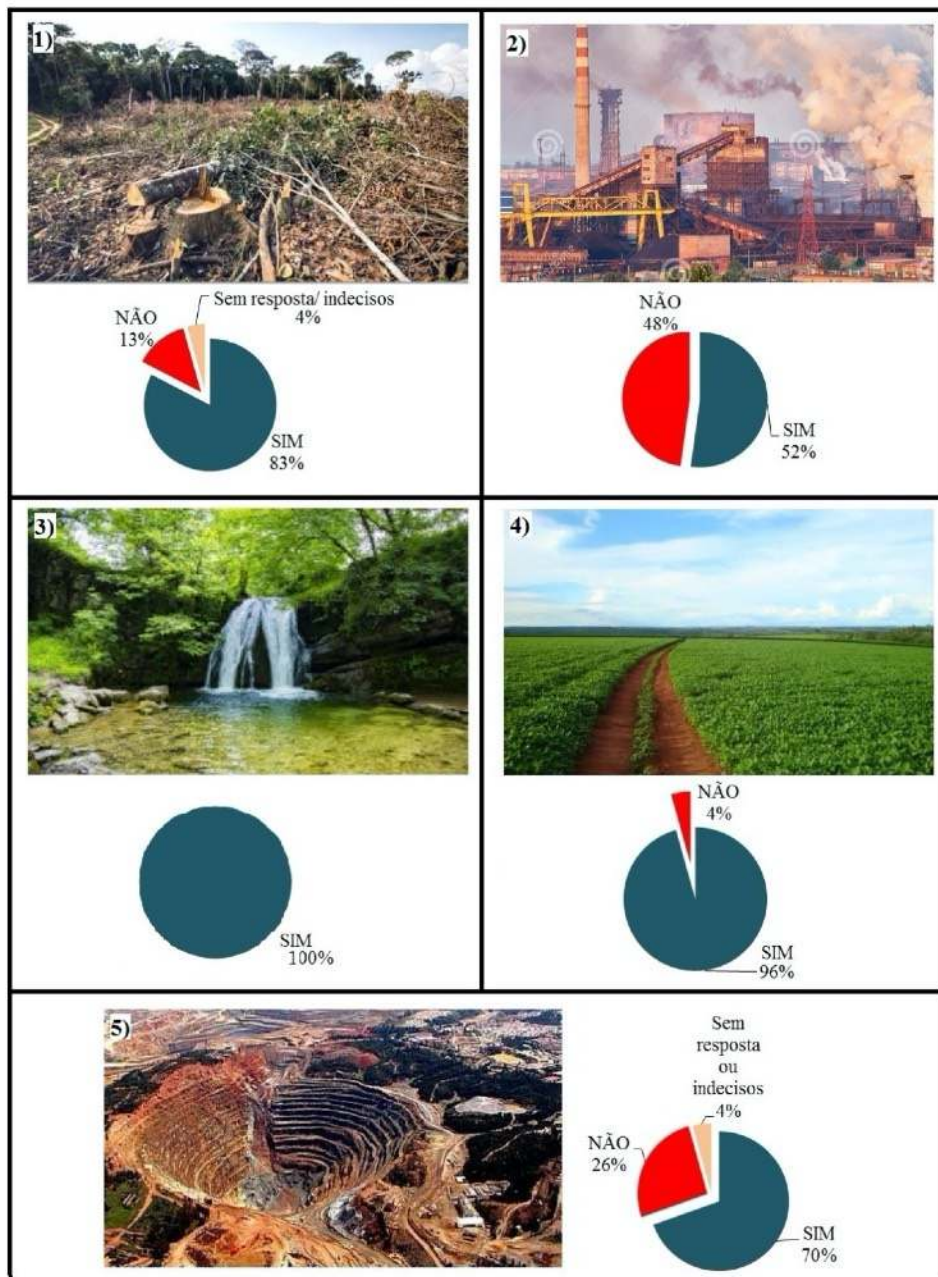


Figura 2: 5ª Etapa – Imagens às quais os alunos foram expostos e questionados se cada uma delas era ou não paisagem para eles
 Fonte: Pesquisa de campo. Autoras, 2021.

Não se trata, portanto, de negar o que se observa, mas de ir para além daquilo que está explícito. Assim, é preciso ter ciência de que há uma complexidade por detrás do clarividente, sendo o oculto um componente chave para compreensão aprofundada do espaço geográfico.

Considerações finais

Constatou-se que o senso comum sobre a categoria de análise da Paisagem prepondera sobre a formação cognitiva dos educandos, fato este que demonstra uma lacuna ainda a ser pensada, discutida e ponderada na Educação Básica.

Considerando que os alunos de 8º e 9º anos se encontram nos anos finais do ensino fundamental e em transição para o Ensino Médio, é necessária uma ação mais efetiva, no sentido de ressignificar os conceitos em Geografia na construção do conhecimento na sala de aula em cada temática trabalhada. Assim, o uso das categorias de análise em Geografia ainda deve ser feito mediante apropriação do lugar em que os alunos estão inseridos, partindo-se de uma escala local para a compreensão do global.

O ensino de Geografia ainda tem reproduzido o conceito de paisagem de forma estética (no campo do visível) e estática, enquanto isso se reproduzir deixar-se-á de dar ao conceito de paisagem a sua devida função, a de ser a chave para o desenvolvimento crítico do aluno frente ao seu entorno. O objetivo está em direcionar a prática da sala de aula para uma perspectiva mais abrangente, na qual a paisagem é analisada como um todo, indo para além do que é visualizado num momento. Trata-se de oferecer ao aluno condições de romper com o tradicional e desvendar as relações que existem sob aquilo que a sociedade o faz apreender com um lance de olhar.

Assim, caberá ao professor discutir em suas aulas o conceito de paisagem em meio às temáticas abordadas, para que o conceito seja aprendido de modo significativo e não apenas decorado pelos alunos. É preciso romper com a perspectiva tradicional do ensino, acrescentando criticidade ao olhar do aluno, suscitando suas memórias e vivências possibilitando que este compreenda as diversas nuances da historicidade que abarrotam o espaço.

Referências Bibliográficas

BESSE, Jean-Marc. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Trad. Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. **GEOUSP** – Espaço e Tempo (Online). São Paulo v. 18 n. 2 p. 241-252, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Geografia. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAIMI, Flávia Eloisa. A história na Base Nacional Comum Curricular – pluralismo de ideias ou guerra de narrativas? **Revista do Lhiste** – Laboratório de Ensino de História e Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v. 3, n. 4. 2016.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno Cedex**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago., 2005.

DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Organização do espaço**. Natal: EDUFRN, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FUINI, Lucas Labigalini; MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. A importância dos conceitos no ensino de Geografia - do discurso científico ao escolar: um caminhar do espaço-região ao espaço-território. III Congresso Nacional de Formação de Professores XIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de professores, 2016, Águas de Lindóia. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2016. v. 1. p. 1-15. Disponível em: http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/5692.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

LISBOA, Severina Sarah. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Revista Ponto de Vista**, v. 4, p. 23-35, 2008. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/21209>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PEREIRA, N. M.; RODRIGUES, M. C. M. BNCC e o passado prático: temporalidades e a produção de identidades no ensino de história. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, n. 26, v. 107, 2018.

PRIBERAN. **Dicionário**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

OLIVEIRA, Emerson Dias de; PRACZUM, Suéllen Mattei; ROMANO, Pâmella Fernanda; YAMASHITA, Thawana Proença. O ensino da Geografia na perspectiva dos seus conceitos fundamentais: espaço, lugar, território, região e paisagem. **Geographia Opportuno Tempore**. Universidade Estadual de Londrina. v. 6, n. 1, 2020.

PONTE, Patrícia. Ver, ser e estar nas paisagens: trajetórias de um conceito em abertura. **GeoTextos**, v. 15, n. 2, dezembro, p. 217-238, 2019.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

WETTSTEIN, Gérman. O que se deveria ensinar hoje em Geografia. In: OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de (Org). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 2008.

Recebido em 27 de novembro de 2020.

Aceito para publicação em 16 de dezembro de 2021.

